

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro



Análise Fílmica Livre: Nomadland

Licenciatura em Ciências da Comunicação

Imagem, Som e Narrativa Audiovisual

Catarina Alexandra Reis da Rosa A173860

Vila Real, maio de 2021

Índice

Análise Fílmica – “Nomadland”	3
Estética do Filme.....	5
Mensagem	6
Reflexão pessoal	7
Bibliografia	8

Análise Fílmica – “Nomadland”

“Nomadland – Sobreviver na América” é um filme da realizadora Chloé Zhao e foi lançado no dia 27 de novembro de 2020. Está enquadrado no género de drama, misturando a ficção com o documentário, e tem uma duração de 103 minutos. Foi produzido pela Searchlight Pictures, ex-Fox Searchlight Pictures, empresa do coração de Hollywood, já que integra o império dos estúdios Disney.



Imagem 1. Filme “Nomadland”

Esta é uma história orientada por uma notória beleza, por uma capacidade antropológica inegável no sentido de explorar uma comunidade de forma honesta e delicada e por uma prestação central de Frances McDormand. A longa-metragem baseia-se na vida de Fern (McDormand), uma viúva que perde tudo no seguimento da Grande Recessão ocorrida na primeira década do século XXI.. Fern compra uma carrinha, faz-se à estrada e começa a viver como uma verdadeira nómada dos tempos modernos, percorrendo o vasto e cinematográfico Oeste dos Estados Unidos da América. A sua jornada baseia-se no livro “Nomadland: Surviving America in the Twenty-First Century”, de Jessica Bruder.

É o retrato sensível e honesto de Frances McDormand que traz esta realidade dura mas simultaneamente fascinante até ao filme. A realizadora, por sua parte e para seu crédito, parece colocar a tónica da obra na sua autenticidade e humanidade. Poucos dos intervenientes no filme são atores profissionais, a grande maioria são nómadas que se representam a eles próprios, como Linda May, Charlene Swankie ou o guru Bob Wells, entre tantos outros.

“Nomadland – Sobreviver na América” é menos sobre sobreviver e mais sobre o poder da resiliência, adaptabilidade e criatividade humana. Com pouco estes novos nómadas fazem muito.

Percorrem o deserto norte-americano e por lá encontram um novo sentido de comunidade, quiçá uma nova vida, onde a estrada se torna uma personagem central que tudo unifica e aproxima.

O filme é sobretudo um filme ingénuo, porque a realizadora, Chloé Zhao, investe as suas fichas numa experiência que sobrepõe uma certa poesia “malickiana” a uma tentativa sincera, mas pouco impactante, de cinema-verdade

Este filme recebeu várias indicações a diversos prémios: Bafta (Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Fotografia, Melhor Atriz), PGA Awards (Melhor Filme), Critics’ Choice Award (Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Fotografia), Globo de Ouro (Melhor Filme Dramático, Melhor Diretora), Satellite Awards (Melhor Filme Dramático, Melhor Diretora), Leão de Ouro no Festival de Veneza (Melhor Filme), entre outros.

Estética do Filme

Frances McDormand, sem surpresa, é capaz de se adaptar na perfeição e sentimos esta história menos como uma mera narrativa e mais como um pedaço de vida, um fragmento correspondente a um período concreto no tempo e no espaço. As imagens, essas, são quase avassaladoras. O deserto dos Estados Unidos da América parece ser mais extenso do que a visão consegue imaginar e o uso da *golden hour* para exemplificar a sua beleza é recorrente em “Nomadland” uma e outra vez.

Nomadland mostra o quanto o enquadramento e a composição fortalecem o argumento e auxiliam na transmissão de sensações e sentimentos:

- Elementos Geométricos: As linhas e curvas reforçam tanto os momentos em que Fern, personagem de Frances McDormand, está em movimento/livre/sem pertencer a um local específico, quanto no momento em que alguma ação padronizada aparece em sua vida, como no emprego temporário de empacotadora.
- Ângulo da Câmera: O ângulo "de baixo para cima" o sentimento de que somos pequenos diante do que o mundo tem a oferecer e que devemos explorá-lo. Em muitos momentos do filme, capta-se mais a vastidão e beleza do céu do que o chão
- Simetria: Auxilia na narrativa sobre a solidão que Fern passa após a perda do emprego e da vida já sem o seu marido.

Nos melhores momentos, existe beleza, porque a realizadora tem, embora em bruto, o dom de mostrar ligações humanas e, mais importante, de mostrar a consequência brutal que a morte exerce sobre elas, através da montagem inesperada de imagens simples, metafóricas, musicadas, em última análise frágeis.

Mensagem

Um filme para os sentidos, para os sonhadores, para os não conformistas. Estes corajosos seniores são quase equiparáveis ao estatuto de pioneiros. Há aqui a denúncia da falência do sistema capitalista e do dito sonho americano mas há também infindável beleza e vitalidade. O sonho pode morrer, mas o sonhador sabe reinventá-lo uma e outra vez.

A realizadora, ainda principiante, aborda os atores e os modelos de modo a dotar o filme de uma sensibilidade que transporte o espectador para um mundo solitário, onde seres individualistas por excelência são capazes de exercer uma solidariedade muito própria, onde as rugas e os calos das road-trips e da road-life são currículo e marcas de guerra. É o desprendimento, o “imaterialismo”, e até um tipo de pobreza, voluntária ou menos voluntária, que no filme se representa como condenação, como consequência das sucessivas crises financeiras e bancárias que por arrasto varreram o interior americano, o palco que desde o primeiro momento esteve despovoado do sonho.

É perceptível o quanto a personagem cresce ao longo do filme, mesmo que a sua vida antiga ainda ressoe como seu único momento de plenitude. Como em uma passagem descrita no argumento, uma aliança é como um ciclo que nunca termina. O final de Nomadland deixa essa citação ainda mais clara. A busca pela felicidade é cíclica e é possível tentarmos diversos caminhos.

Reflexão pessoal

“Nomadland” representa na sua essência a vida humana e a morte. Apesar de ser um filme bastante monótono, sendo que a sua mensagem não se encontra propriamente na ação, mas sim nas emoções das personagens, é um filme que mostra que todos somos feitos de escolhas.

A protagonista que, inicialmente, demonstra a saudade de quem já partiu, sente necessidade de buscar uma nova forma de viver e para isso torna-se numa nómada, sem teto, sem família e sem amigos. Durante a sua jornada no deserto vai encontrando pessoas que vivem gratas pelo seu estilo de vida atual, afastados da sociedade, outras que apenas querem viajar para um lugar onde possam morrer em paz. Ao longo do filme, a protagonista teve várias oportunidades de viver em melhores condições, porém, quando tentou, já não conseguiu adaptar-se a um novo ambiente.

Alguns aspetos que considere interessantes deste filme foram, primeiramente, a amabilidade, a união e a solidariedade que existe entre os nómadas. Pessoas que vivem com tão pouco, mas que são capazes de doar a quem mais precisa e viver com ainda muito menos. Outro aspeto foram as lindas e inspiradoras paisagens que são apresentadas ao longo do filme e que conseguem tocar no coração de quem as vê. Por último, o papel que a protagonista desempenhou foi muito bem interpretado. A tristeza do olhar é perceptível em todo o filme mesmo quando ela sorri, a neutralidade da sua maneira de agir era como se não tivesse mais motivos para viver e teve a capacidade de conseguir transmitir as emoções sentidas por alguém sem um Lar onde se refugiar.

Bibliografia

<https://www.magazine-hd.com/apps/wp/critica-leffest-nomadland-em-analise/>

https://online.sapo.pt/artigo/732759/nomadland-ou-a-virtude-da-mediana-?seccao=Mais_i

<https://feededigno.com.br/filmes/critica-nomadland-2020-chloe-zhao/>

<https://omicronfotografia.com.br/blog/post/fotografia-de-nomadland>

Bibliografia das Imagens

Imagem 1: <https://www.magazine-hd.com/apps/wp/critica-leffest-nomadland-em-analise/>